

MEMÓRIA HISTÓRICA SÔBRE SOROCABA (VIII).

(Continuação).

ALUÍSIO DE ALMEIDA

do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de
Sorocaba.

CAPÍTULO VIII.

A Sorocabana. Reduzem-se as feiras. Matadouros. Recenseamento de 1872. Instrução pública. Maçonaria. Cadeia. Rosário. Dom Pedro II e o Conde D'Eu. Gabinete de Leitura. Imprensa. Iluminação. Construções de alvenaria. Manuel Lopes de Oliveira e Francisco de Paula Oliveira e Abreu, pioneiros da indústria. Fábricas de chapéus. O Fonseca. Notas Sociais. Abolição. República.

*

Luís Mateus Mailasky, nascido de família nobre em Kassa, na Hungria, em 21 de agosto de 1838, homem de cultura geral, emigrou, talvez por motivos políticos, chegando a Sorocaba em janeiro de 1866 e não um ano antes, como já escrevemos. E já em setembro, êle que segundo a tradição fôra hóspede do Mosteiro de São Bento por gentileza de frei Baraúna, tem dinheiro para emprestar aos lavradores de algodão para a safra de 1867, comprar aos beneficiadores os fardos de 1866 e enviá-los a Santos (em tropa até São Paulo) e crédito para encomendar máquinas na América e na Europa, mediante comissão, e também "recebe encomendas de molhados para o Rio de Janeiro". Assim anunciava no *Araçoiaba*. Era comerciante atacadista à rua da Penha, 156, nos baixos do sobrado do chefe conservador Joaquim José de Andrade, com cuja filha, dona Ana Franco, veio a casar-se em 9 de abril do ano seguinte. Chegou, viu e venceu. Acho que tirou dinheiro a juros do próprio Andrade, de Roberto Dias Batista, cuja máquina consertou e dos Lopes.

Foi o homem que Sorocaba precisava, homem de horizontes largos. Penso que era adepto do liberalismo econômico mais avançado, que fez a riqueza da Inglaterra vitoriana. Casando-se, passou a residir no sobradão da rua da Cadeia, derrubado há pouco tempo, como um homem rico. Seu nome encheu uma época e uma região. Naturalmente teve inimigos, fruto da inveja. Acaso o nobre húngaro enriquecido surgia nele autoritário quando não o ouviam, pois João Lacerda contava a Antônio Francisco Gaspar que as discussões da Diretoria da Sorocabana eram tumultuosas. O normal, porém, seria a amabilidade profissional do comerciante, pois obteve quanto quis, empobrecendo indiretamente muitos sorocabanos para o bem de São Paulo e do Brasil, porque as ações da Sorocabana, de 200 mil réis, chegaram a perder todo o valor.

Em vez de exportar algodão para as fábricas inglesas, resolveu tecê-lo aqui. Fundou uma companhia por ações para uma fábrica de tecidos, comprou o terreno, foi buscar em Campos o maquinário e o mestre, Joaquim Pereira Guimarães, português. Havia escrito o primeiro artigo sobre a fábrica em fevereiro de 1867, antes de receber o primeiro algodão em carço dos lavradores. Em 1868, era banqueiro, pois no anúncio do negócio, também a varejo, inclui “saca sobre as praças de Santos e do Rio de Janeiro, à vista e a 30 dias”. A fábrica foi principiada em 1868-1869 e não passou de um barracão provisório. Falam em máquinas estragando-se ao ar livre. Fracasso. A safra de 1870 não foi boa e os preços em vez de subir, baixaram, decerto por causa da concorrência de outras zonas. Os acionistas prejudicados, entre os quais, os Lopes, nem assim perderam a confiança no estrangeiro naturalizado.

Quando foi fundada a Companhia Ituana os sorocabanos, convidados para comprarem ações, não puderam convencer aquêles ricos fazendeiros da cana e do café a estender os trilhos mais cinco léguas, de Itú a Sorocaba. Mailasky estava presente à reunião e convenceu os companheiros a retirarem-se. A lenda é mais bonita sempre do que a história. Gaspar ouviu contar que na frente da matriz, após a missa domingueira, interpelado com que dinheiro faria a estrada — já agora do Ipanema a São Paulo, e não mais de Sorocaba a Itú, muito mais fácil, respondeu, tirando do bolso uma moeda: “com êstes quatrocentos réis”. Quer dizer que contava com o crédito e a propaganda. Sabia que nesses campos do sul cheios de serenidade e barba de bode, não tiraria muito dinheiro. O Banco Alemão, do Rio de Janeiro o ajudou.

Era mais aceito no Rio de Janeiro cosmopolita do que no São Paulo provinciano. Bem entendido, não desejava dar prejuízo a ninguém. Queria criar a riqueza, a começar do já existente algodão e o

ferro do Ipanema. O dinheiro é o excremento do demônio, mas, bem empregado, pode servir aos desígnios de Deus, que pôs no homem a ânsia de aproveitar os tesouros da natureza sempre mais, *excelsius*.

Datas a guardar em Sorocaba: — 29 de março de 1871, lei provincial concedendo o privilégio de 90 anos à já formada Companhia Sorocabana, para uma via férrea de Ipanema a São Paulo, com a garantia de 7 por cento de juros sôbre o capital de 4 mil contos (20.000 ações). 13 de junho de 1872, inauguração festiva dos trabalhos no Supirirí (depois a colocação da estação foi resolvida no lugar atual adquirindo a Companhia por 30 contos o terreno à Fábrica que fraccassou). 10 de julho de 1875 inauguração da estrada a Sorocaba. Em 1876, idem a Ipanema.

Mailasky retirou-se em 1878 ou 1879, tendo iniciado mais duas estradas de ferro, aposentou-se no Rio; Dona Ana Franco faleceu e está enterrada no Rio de Janeiro. Já sessentão, êle casou-se segunda vez com uma moça inglêsa e, andando pela Europa, faleceu em Nice em 1906. Uma de suas netas foi uma das primeiras a receber a medalha da Ordem do Mérito, por suas filantropias.

O monumento a Mailasky, dos mais artísticos da cidade, inclui o operário anônimo e é fruto da tenacidade de Antônio Francisco Gaspar, o historiador da Sorocabana.

*

A via férrea modificou bastante a história de Sorocaba. Continuou a feira de animais, mas os poucos compradores do Rio de Janeiro e Santos habituaram-se a transportá-los pela estrada de ferro, continuando, porém, o antigo sistema para Minas e interior de São Paulo. Em 1897 acabou com o primeiro surto epidêmico de febre amarela, até mesmo esta pequena feira. Quanto à festa de dois meses de compra e venda de arreios, redes, passeios, jogo, etc. tudo acabou.

Os comerciantes do Rio de Janeiro cederam lugar aos de São Paulo em muitos pontos. A feira de 1883 foi em julho. O muar estava a 75\$000.

Todavía, o artesanato das redes continuou e teve um surto de progresso, quando em 1882 as redeiras não precisaram mais fiar o seu algodão, comprando os novelos na nova fábrica do Fonseca. E o dos arreios — com pouca prata — continuou industrializado em parte, pois Sorocaba fizera uma tradição no ramo. O sistema mudou. Primeiro os negociantes serviam de intermediários entre os artesões e os compradores, chegando até êstes por meio de viajantes e despachando de trem as encomendas, e fornecendo aos seleiros, serigoteiros, serralheiros, etc. a matéria-prima como o couro curtido, o fer-

ro para os estribos, etc. Enfim, surgiu a fábrica Dias da Silva. Aos 20 e 30 ourives da prata só lhes sucederam os relojoeiros da rua dr. Braguinha vendendo jóias, e um ou outro ourives do ouro. O último ourives da feira foi Bento de Barros Lima, morador na rua Nova, perto da rua da Margem.

*

O matadouro, que ficaria bem perto da estação, em 1874 começou a ser mudado para o outro lado do rio, atual rua Pedro José Senger que então principiava, partindo da rua São Paulo. Seria construído um rancho provisório na frente ao aterrado do Lava-Pés, com o córrego dêste nome passando pelo meio. Essa foi a resolução, porém depois tiraram diretamente um rego de água do Tanque do Buava, do mesmo córrego, e que ficava mais abaixo da atual piscina Quinzinho de Barros. Só em 1881 foi derrubado o matadouro velho, onde quiseram fazer um mercado, mas não foi possível, resolvendo-se acrescentar o que já servia no largo Santo Antônio.

As praças começaram a ser arborizadas por obséquio de vereadores prestadios, que recebiam as mudas e cercas compradas pela Câmara. Chegou a ser cercada tôda a atual praça Fajardo, que ainda conserva mangueiras antigas. Da praça Ferreira Braga restou até a pouco um coqueiro solitário. A da matriz não foi arborizada, por servir ainda para divertimentos como circos, fogos de artifícios, paradas da Guarda Nacional, etc.

A praça frei Baraúna com as ruas Cesário Mota e Artur Martins, foi iniciadas em 1864 em terreno de São Bento. As cavalhadas passaram a ser naquele logradouro. Acabaram com o cemitério de São Bento, que em 1863 ainda servira para cadáveres de bexigentos, mas deixaram uma pracinha e nela uma capelinha onde se faziam festinhas de Santa Cruz e São João, sem o clero. A que puxava o terço era uma liberta que, no seu tempo de escrava, cortou com a enxada a cabeça de um branco que lhe fizera proposta desonesta. Foi a juri, recebeu poucos anos de prisão, que cumpriu na cadeia nova que foi inaugurada em 1863. Mas os jurados, pelo costume do tempo, juntaram a pena diária dos açoites. Era ao anoitecer. Todos fugiam das proximidades da cadeia ao ouvirem os gritos da infeliz açoitada junto às grades. Frei Paulo e Eugênio Pilar, entre outros, me transmitiram esta notícia digna de um drama. Os jornais mencionam as festinhas.

Exatamente em 1874, como publicou frei João, foi construída outra capelinha de Santa Cruz, "no bairro de Árvore Grande", A ár-

vore que lá está é uma paineira centenária. Faziam e fazem a festa a 3 de maio.

Aquêlê largo enorme assim ficou por lei municipal de cêrca de 1835, a qual marcou uns pontos de parada das tropas. O monumento ao Tropeiro, doado à cidade pelo conde Francisco Matarazzo em 1959, está no local mais apropriado, segundo a História.

*

Conseqüência da construção da via férrea foi o aumento de estrangeiros, muitos dos quais permaneceram depois da inauguração. Eis o recenseamento de 1872:

Fogos na cidade:	889	moradores	4.793
Fogos nos bairros:	1.134	moradores	8.166
			<hr/>
			12.959

Na população se contavam 761 estrangeiros, 2.884 pretos, 2.031 pardos (brancos os restantes, sendo, pois, 2/3 mais ou menos), escravos 2.070, acatólicos 67, ausentes 182, hóspedes 122, solteiros 8.820, viúvos 902.

Mas entre os estrangeiros contaram-se 468 escravos velhos africanos.

Havia 182 casas desocupadas na cidade, o que faz lembrar o seguinte: as feiras estavam em decadência e, não fôsse a estrada de ferro, não voltariam a ter moradores aquelas habitações, pois uma pequena cidade só por sí não podia manter-se

Em 1874 a feira apresentou a venda de apenas 24.000 bestas, ao preço médio de 50 mil réis a cabeça.

Neste ano vieram 200 novos moradores, inclusive italianos que em Sorocaba nunca foram lavradores. Só 19 italianos em 1872, para 110 portugueses, trabalhadores da estrada de ferro.

Sintoma de crise: algodão a 1\$700 a arrôba (em caroço).

Por cúmulo, de 18 a 24 de abril desse ano, em tempo de feira, o professor de equitação Jácome (baiano do Rio) deu lições aos tropeiros para amansar e domar mulas chucras para carro e montaria, e ainda, com isso atraiu o povo ao teatro e à ponte. Mas o trem de ferro sòmente abolia as tropas nos trilhos... e carroças e carros iam multiplicar-se no Brasil e em Sorocaba, como centro nas estações.

Nesse ano rodaram os primeiros troles e vitórias pelas ruas de Sorocaba e os fazendeiros usaram os troles, por exemplo os Madureira.

Júlio Ribeiro, saudando Mailasky com uma ode à locomotiva em 1875, simboliza os tempos novos.

*

A instrução melhorou. Mestre Jacinto faleceu em 1857; Abreu Medeiros que tomara posse em 1841 retirou-se para São Paulo em 1863. Ambos tiveram por sucessores José Venâncio da Fontoura, com quem o futuro Dom José de Camargo Barros veio, de Indaiatuba, aprender primeiras letras, e Maurício de Souza Guerra Júnior, santista, casado na família Fontão, à rua São Paulo.

Dona Vicentina Adelaide de Vasconcelos, da primeira cadeira feminina, perfez quarenta anos de exercício até o fim do Império. Lecionava na rua da Ponte, acima da rua Brigadeiro Tobias, à direita. As filhas de Teodoro Kaysel foram suas alunas. Começou com a segunda cadeira, dona Adelina Carolina da Silva Abreu, em 1883. Seguiu-se dona Januária de Simas de Oliveira Lima, perto da indústria Royal de hoje. E dona Zulmira Ferreira do Vale, posteriormente.

Formaram-se os primeiros sorocabanos normalistas Joaquim Isidoro de Marins, Alberto de Almeida Melo e Escolástica de Almeida. Criou-se a quarta cadeira masculina em 1883, e para o Cerrado veio a escola masculina de Jundicanga.

Mas o número prodigioso para a época de 20 escolas entre públicas e particulares (1880 mais ou menos) atesta a vontade de alfabetização. Ao lado dessas escolas, como nuvens tangidas pelo vento fazem-se e desfazem-se os colégios em casarões térreos e sobradões alugados. As antigas famílias iam se popularizando ou morrendo e seus solares davam ótimos hotéis e colégios. Quem descesse a rua da Ponte leria no oitão de um deles: Hotel da Europa. Os colégios parece que não punham letreiro, os pobres eram tão fugazes como as mariposas queimando-se na própria luz. O nome de colégio servia (no Brasil) para escola de qualquer grau, inclusive primário, com ou sem internato, masculino e feminino. A música e as prendas domésticas para as meninas muito devem aos colégios. E' preciso lembrar que os alunos externos davam vida a êsses estabelecimentos pagos, porque as escolas públicas eram por demais democráticas, a escravidão não se acabara e já se recebiam meninos de pele escura nascidos após 1870. A escola pública demorou a ser aceita pelos ricos.

A aula de francês e latim, após o prof. Toledo, foi regida por Luís Augusto de Vasconcelos.

Dona Vicentina não era filha de mestre Jacinto, mas do escrivão Luís Pedroso de Almeida e a mãe era da família Vasconcelos.

O Colégio “União Sorocabana”, fundado num sobradão do Largo do Rosário em 1874, tinha duas secções separadas, talvez até em prédios distintos. A secção masculina do internato fechou-se no fim daquele ano, devido uma reclamação dos pais de alunos de Tietê, pelo jornal. Continuou como externato algum tempo. O internato e externato feminino durou até a década de 1890-1900, dirigido pelas mestras americanas H. Wilul e Ana Wilk. Entre suas alunas externas notáveis estavam Rosa de Barros, Augusta de Barros Fleury, Carolina Dias Batista. Já na República foi sua aluna dona Maria Durski, que ainda vive. No bairro da Ilha era mestre particular Diogo de Almeida Queiroz.

Em 1879 havia o Externato Sorocabano, para meninos, fundado por Caetano Nunes do Amaral Siqueira. Passou logo a Anastácio Lopes Tôrre e José de Vasconcelos. Em 1883 começou o externato de Inácio Maurício de Azevedo Coutinho, fluminense.

Dona Gertrudes de Almeida Pilar, mãe de Ubaldino do Amaral, tinha um internato para meninas do Paraná, que vinham da Lapa a cavalo, na rua da Penha. Saiu cêrca de 1875 para Piracicaba, onde faleceu seu espôso Francisco das Chagas do Amaral Fontoura e veio morrer na capital de São Paulo em 1886. Conhecemos-lhe uma aluna, dona Sofia Wirmond. Não havia carteiras, servindo a mesa grande da sala de jantar.

Escola Alemã no Largo do Rosário, professor Emílio Cillis. Em 1887 chamou-se Colégio Teuto-Brasileiro, com internato.

Externato de dona Escolástica Rosa de Almeida, em 1887.

No mesmo ano, o Colégio Coração de Jesus, para meninas externas, dirigido por uma senhora baiana, irmã do médico Dutra. Sua aluna Zulmira Penteado, depois espôsa do cel. José de Barros, recitou poesia para Dom Lino.

O colégio Teuto-Alemão passou ao belga de Bruxelas, Montbé, em 1888. No Colégio Montbé, entraram como alunos, por exemplo Luís da Silva Oliveira e Ricardo de Oliveira. Nova mobília se fêz no Ipanema, no sistema americano para o Colégio, isto é, escrevaninha com gaveta na posição natural — diz o jornalista.

Dona Augustinha de Try, belga, professôra particular em 1889.

Nesse mesmo ano, à rua 7 de setembro, fundou o seu externato Luís de Campos Maia.

De todos êsses colégios, foi mais afamado o do Lageado, fundado no município de Campo Largo, em 1859, pelo prof. Francisco de Paula Xavier de Toledo, aqui casado na família Mascarenhas, depois que se aposentou da sua cadeira de francês e latim nesta cidade. Colégio de internos, no campo, chegou a ter 100 alunos masculinos, com uma dezena de meninas parentes e amigas da família. Fechou-se em

1868, reabriu-se em 1875 e acabou em 1884. 40 alunos só de Sorocaba em cada fase.

Em 1888, José Ribeiro de Escobar, da quarta cadeira, foi removido para Piedade, sucedendo-lhe imediatamente o prof. Joaquim Isidoro de Marins.

Resta falar do Liceu Sorocabano, fundado pela Câmara Municipal em 1887 e entregue ao competente prof. Artur Gomes. Funcionou até os primeiros dois anos da República no prédio do atual Cruzeiro do Sul. João Ferreira da Silva, inteligente advogado, deputado estadual falecido em 1947, foi seu aluno. Instalou-se em 7 de novembro de 1887.

Para a crônica da cultura, interessa saber que a primeira livraria, inclusive com obras para crianças, foi fundada em 1883; pertencia a Venâncio de Castro Vasconcelos e chamava-se *Agência de livros*.

*

O dr. João Feliciano da Costa Ferreira, juiz municipal, foi o principal fundador da loja maçônica Constância, em 1847. Era pernambucano do Recife, filho do brigadeiro do mesmo nome e de dona Fortunata Carolina Álvares. Em Sorocaba casou-se em 8 de setembro de 1858 com dona Eulália Maria Xavier de Araújo, filha de Manuel Maria Xavier de Araújo e Maria Pais Cruz. Manuel era português, construiu o sobrado da rua da Cadeia onde após sua morte, seu filho Antônio Xavier de Araújo (Nhosinho) e Pereira Guimarães, iniciaram em 1875, com a inauguração da Sorocabana a casa atacadista de tecidos, que em 1900 se transferiu para a Capital sob a firma de Araújo, Costa e Cia. (de um outro sócio português Rodrigues da Costa).

O dr. João Feliciano foi promovido a juiz de direito de Tatuí, mas manteve duas residências e vinha sempre a Sorocaba. Foi sepultado em Sorocaba em 28 de junho de 1883. Não deixou filhos e a viúva lhe sobreviveu muitos anos. O vigário Andrade e o mestre Álvares Lobo não cobraram os serviços de 7^o dia. Aliás, em 1855 esta loja recebeu para serem iniciados um beneditino e o jovem padre José Saródio, português recém-chegado. Conheci o padre Seródio, pioneiro do nosso *far west* paulista, onde abandonou a batina e teve filhos, foi delegado e político. Dom Lúcio Antunes de Souza, ao chegar em Botucatu em 1909, regularizou a sua situação eclesiástica e até levou-o consigo para reaprender a missa. Era muito obeso e roncava no sono...

E' mais difícil, entre os notáveis de Sorocaba, dizer quem não foi do que quem foi maçom, principalmente depois da loja Perseve-

rança III (1869). Pertenciam, como em todo o Brasil, à Irmandade do Santíssimo, e continuaram, mesmo até 1909, após a separação iniciada pelos bispos de Olinda e do Pará. Apenas verificamos um fato, como cronista.

A loja Perseverança III foi fundada por Ubaldino do Amaral em 1869, aproveitando a casa da Câmara e Cadeia que adquiriu. Tomou logo muito impulso. Às vezes celebravam reuniões públicas em conjunto. Um dos oradores, nessa ocasião, terminou o seu discurso ao Supremo Arquitecto do Universo pedindo a reunião de todos junto de Deus após a morte, e a proteção dos sócios para as famílias dos que partiam. Outro recitou poesia referindo-se à coragem do fundador, o Grão-Mestre dos Templários, que morreu para não trair o segredo. É a origem lendária da Maçonaria que alguns levam até Salomão, mas na realidade surgiu na Inglaterra no século XVIII.

Ubaldino do Amaral, nascido na Lapa em 1842, para aqui se transferiu com os seus pais, Francisco das Chagas do Amaral Fontoura de Lajes e Gertrudes de Almeida Pilar, de Cruz Alta, cêrca de 1855. Aqui fez seus estudos preparatórios, daqui se dirigiu para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito. Formou-se em 1868 e abriu sua banca de advogado à rua da Ponte. Jornalista, autor e ator dramático. Secretário da Diretoria da Sorocabana (1871-1874), retirou-se para o Rio de Janeiro depois de muita discussão com Mailasky. Como um homem comum, assistiu à inauguração da Estrada. Só voltou pela 2a. vez, pouco antes de morrer. Levou-o ao Rio de Janeiro, Saldanha Marinho, que o apresentou ao pessoal do Grande Oriente, onde fez violento discurso anti-clerical, no tempo da prisão dos Bispos. Se acompanhou o chefe e amigo, abandonou os entusiasmos, pois Saldanha Marinho, senador da República, era amigo de Dom José Pereira da Silva Barros, bispo do Rio de Janeiro. Faleceu em 1920. Foi Republicano da Propaganda, como seu tio Olivério Pilar.

Mailasky, percebendo que a Maçonaria dava projecção social e não sendo recebido na Perseverança III, fundou a terceira loja, que logo acabou, por não se haver filiado talvez a uma das duas divisões da maçonaria brasileira. A Perseverança III passou a fazer a sua loja na casa da extinta Constância e fundou escola noturna nos altos do sobrado, alugando o andar térreo. Na adaptação, construiu uma escada externa acabando o Corpo da Guarda e a escada de madeira entre as duas prisões, coisa que talvez já tenha achado pronta, pois a Câmara fizera ali o Mercado.

O nôvo predio da Câmara e Cadeia era um dos últimos do tempo da taipa de pilão. O terreno, a Câmara o adquiriu aos herdeiros

do vigário José Francisco de Mendonça. Levou uns sete anos, coisas do govêrno, que auxiliou a Câmara (ruas Padre Luís e São Bento, hoje Correio).

Em 1856 faleceu o cel. João Batista Correa, chefe conservador, que empreitou as obras sem ser arquiteto, por política, mas succedeu-lhe o seu genro cel. Francisco Gonçalves de Oliveira Machado, presidente da Câmara, e com estudos e prática de construções. Tudo o que se refere a madeira, teto, soalho, portas e janelas, foi feito pelo alemão, João Batista Der, carpinteiro e mestre de obras. A cadeia foi inaugurada em 1863. Quem conheceu a casa aí por 1929, e para subir à Câmara, tomava uma escada de cimento num portão da rua Padre Luís, não lembraria, talvez, que era coisa recente, pois a Recebedoria de impostos lá estava, bem como o júri, e era inconveniente passar pelas prisões. Depois de 1911, subindo pela porta comum um meu amigo lançou um olhar para o prêso da direita, o infeliz João de Lacerda, que lhe disse: “Nunca me viu?”

A imagem de São Jorge acamponhava a Câmara em procissão desde 1818 e morava numa das salas. O cavalo branco em que a faziam montar também era da Câmara e tinha vida folgada no capinzal das ruas — “Lá vai o cavalinho de São Jorge!” — exclamou uma vez o menino Francisco Pacheco, vindo da escola do padre Lessa em 1886. Hoje, mais que octogenário, ainda se lembra do episódio. Depois de 1889, a Câmara (Igreja separada do Estado) não acompanhava mais a imagem na procissão de *Corpus Christi* mas deixou os devotos visitarem-na em sua sala, naquele dia. E a Câmara virava igreja. . . Até que em 1906 um intendente a enviou à capela de Santa Cruz. Os arreios de São Jorge estão no Museu Sorocabano. A sua espada com uma inscrição patriota foi roubada depois de 1940.

O Conde d’Eu, visitando Sorocaba, em 1874, achou muito bonito o prédio da Câmara e Cadeia. Ora, veja só!

*

A Igreja do Rosário.

Em 1812 a Irmandade do Rosário dos Pretos, que estava na Catedral começou a edificá-la, pilando as taipas até uma meia braça de altura, mas parou, porque foi transformada em Irmandade de São Benedito, funcionando na igreja de Santo Antônio, por arranjo com a ocupante Irmandade da Misericórdia.

Manuel Lopes Ferreira construiu o sobradão ao lado do seu pai Antônio (os dois formam o Colégio Santa Escolástica na fachada) lá por volta de 1840, com um corredor de uma braça (hoje preenchido) junto aos muros.

Recomeçou a construção depois de 1852, tencionando formar aí um distrito eleitoral (eleição nas igrejas, então). Quando êle morreu em 1869 estava a igreja coberta, assoalhada e forrada, sacristia e concistório. O chefe das obras era o mestre alemão João Dorn que ao mesmo tempo estava construindo a Cadeia. Era carpinteiro e foi ajudado por Bento José Labre Pombinho e José Pedro da Silva. Bento Labre morava à rua Direita e empreitou muitas casas em Sorocaba. Como eram de taipa, o serviço maior era inspecionar os escravos piladores e precisava ser bom carpinteiro. Houve algum serviço de pedreiro na fachada — era serviço de alemão. Todos ganhavam 4 mil réis por dia. Enfim, um carioca entalhador, Dionísio de tal fêz o altar-mor.

Após 1869 José Francisco de Pinho, avô materno de frei Paulo, tomou conta da igreja.

*

Dom Pedro II viera a Sorocaba a cavalo desde São Paulo em abril de 1846, sem a Imperatriz que havia ficado na capital. Era tempo de feira e foi ver cortar uma tropa na Terra Vermelha. Cortar uma tropa era o vendedor fazê-la passar ante o comprador até êste mandar os peões separá-la em duas, devendo adquirir mulada de flor e de refugo tudo junto, o que exigia habilidade de ambos os tropeiros.

Depois o Imperador veiu em agôsto de 1875, principalmente para conhecer a Sorocabana. Deram-lhe um carro aberto à frente da locomotiva e iam-lhe mostrando a construção. Às vêzes descia e ia ver de perto.

A hospedagem foi mesmo no sobradão do barão de Mogí-Mirim, Manuel Claudiano de Oliveira, cujo título parece ser um engano de chancelaria, talvez por viver a baroneza de Sorocaba, irmã da famosa Marqueza de Santos.

Visitou o Gabinete, máquina de algodão de Mailasky, Salto do Votorantim. Não houve muitos gastos de enfeites e luminárias, arcos triunfais e carros alegóricos. Já havia republicanos. O Imperador tratou muito bem Olivério Pilar. Da outra vez, como homem de boa memória, ao descer do trem falou alto: — O Senhor Olivério! Júlio Ribeiro noticiou a visita, pondo a culpa dos males do Brasil nos políticos. Foi levar a Pedro II um exemplar do *Padre Belchior de Pontes* aqui impresso em folhetim e em livro. Muito bem recebido. Mas a bondade do Imperador para com os Republicanos não os convertia: “se a gente se faz mel fica de moscas comido”.

Apenas três anos depois, a 25 de outubro de 1878, reaparecem o Imperador e a Imperatriz, com grande comitiva passando para o Ipanema.

Assim mesmo, como era da praxe, foi aquela correria à matriz, escolas, Gabinete, salto do Votorantim.

Em 9 de novembro de 1886 passaram ainda para o Ipanema os augustos imperantes. Almoçaram numa sala da estação. Depois tomaram um carro e seguidos de outros (havia muitos carros particulares) foram visitar, corre-correndo: matriz, câmara e cadeia, Gabinete, as 2 cadeiras masculinas e femininas, mercado, hospital, fábricas Adams e Fonseca.

O conde d'Eu veio sozinho em 1874, fazendo a viagem a cavalo desde as pontas dos trilhos, Júlio Ribeiro foi visitá-lo, levando a homenagem da pena à espada, segundo o seu jornal. Depois passou por Sorocaba com a Princesa Isabel e toda a família para o Ipanema, onde Bento José Ribeiro lhes forneceu troles e cavalos, inclusive a Camurça que a Princesa cavalgou por esses campos.

Deste 1872 vinham muito os presidentes da Província. O último, foi Rodrigues Alves, em 1889.

*

O Gabinete de Leitura foi primeiro fundado para alemães, mas ao organizarem-se os estatutos já não era exclusivo. A efeméride é 13 de janeiro de 1867.

Primeira diretoria: Joaquim Pereira de Castro Vasconcelos; Luís Mateus Mailasky, dr. Virgílio Augusto de Araújo (médico) e Manuel F. Avé Lallemand.

Pelos estatutos de 1867 são sócios os que pagam mensalidade de 2 mil réis e jóia de 5 mil réis, assinantes os que só pagam aquela mensalidade.

O Gabinete de Leitura principiou no sobrado de Jeremias Vandérico, sucessor de Joaquim Ferreira Barbosa à rua da Ponte, perto da atual igreja Presbiteriana Independente.

Parece que depois esteve na rua da Penha.

Novos estatutos em 1883, sob a presidência de Olivério Pilar. Em novembro dêsse ano faleceu dona Maria Madalena de Camargo e o "Gabinete" comprou o prédio aos herdeiros. Em 1884 começaram a reforma do casarão, que continuou a ser de taipa mas deu aparência de nôvo, em alvenaria, inclusive com aquela platibanda de tijolos e vasos de cimento. Houve quermesses sob um barracão, no quintal. A cal foi doada pelos proprietários de caieiras, cel. Francisco Ferreira Prestes, Matias Maurício de Madureira, Elias Martins da

Costa Passos e José Manuel Soares do Amaral. A maior ajuda em dinheiro foi 200 mil réis, de Fortunato Guimarães.

O bibliotecário Augusto de Vasconcelos, filho de mestre Jacinto, deu dois meses de ordenado, 40 mil réis. Era tipógrafo, com seu irmão Manuel Januário, no *Diário*.

O Gabinete era visita obrigatória para os que viessem de fora, como o Imperador, que aí deixou a sua assinatura. Tinha uma saleta de conferências. A coleção “Galeria de Brasileiros Ilustres”, de Debret, tão valiosa, estava posta em quadros na parede. Em 1883 o Governo Provincial deu ao Gabinete uma casa da rua da Penha.

*

Cronologia da Imprensa.

1841 — *O Paulista*, redação de Diogo Antônio Feijó, na casa de esquina da rua das Flôres com o largo do Rosário Nôvo (praça Ferreira Braga) jornal da Revolução. 4 números de tamanho de um quarto de almoço ou um pouco menos. Tipografia de Hércules Florence, que a enterrou quando começaram as perseguições (4 páginas).

1843 — *O Ipanema*, redação de Joaquim de Oliveira César Leme, mesmo tamanho do precedente, talvez na mesma tipografia. Noticiado pelas *Atas da Câmara*, vi um número dêle dentro de um livro de *Atas*. Saiu à rua da Ponte, 8. Divisa: “O homem mais sábio é necessariamente o mais religioso” (M. de Maricá).

1852 — *O Defensor*, redigido por Joaquim Ferreira Barbosa à rua das Flôres. Conserva-se alguns numeros. 1º número a 27 de agôsto de 1852.

1852 — *O Cometa*, redigido por Elias Lopes de Oliveira à rua da Penha 66, Liberal. Alguns números.

Êstes jornais tinham o tamanho de uma fôlha de almoço (4 páginas). 1º número a 8 de fevereiro. Acabou em 1853.

1856 — *O Monitor*, jornal conservador, bem redigido por Joaquim de Oliveira César Leme. Durou quase um ano. Já bem maior do que os dois precedentes. Em 1857 o redator retirou-se para Itú, cuja crônica escreveu.

1866 — *O Araçoiaba*, tipografia Constitucional, sem nome de redator. Apareceu a revista da associação “Tributo às Letras” na mesma tipografia.

Durou cêrca de um ano. Era maior que o precedente.

1870 — *O Sorocabano* — 1º número a 13 de fevereiro de 1870. Colaborador ou mentor Ubaldino do Amaral — Tipógrafo principal Antônio Moreira.

1872 — *O Sorocaba* — 1º número a 1º de setembro de 1872. E' o sucessor do *O Sorocabano*, na mesma tipografia. Redator Júlio Ribeiro.

1871 — 1873 — *O Americano* — redação e tipografia de Francisco de Paula Oliveira e Abreu. 1º número 12 de julho de 1871.

1872 — *O Ipanema*, propriedade e tipografia de Manuel Januario de Vasconcelos, redação de Antônio José Ferreira Braga de 12-IX-1872 a 12-VIII-1876 e a seguir, o mesmo Maneco Januário, cujos irmãos eram os tipógrafos. Rua Direita, no local onde se abriu uma rua torta para sair na Brigadeiro Tobias. Semanal.

1874 — *Gazeta Commercial*, redação de Júlio Ribeiro, bonito jornal em prelo Alouzet, financiado por Mailasky que era muito combatido por Ferreira Braga — 1º número a 7 de outubro. Saía duas e três vezes por semana e foi diário em 1875 nos meses da inauguração da Estrada.

1875 — *A Voz do Povo*, redação de Domingos da Costa e Silva. O redator parece português. 1º número 4 de outubro. Semanal.

1876 — *O Colombo*, 1º número a 10 de junho. E' o mesmo anterior com outro nome. Durou até 1878.

1877 — *O Votorantim*, redator Fidelis de Oliveira — 1º número a 7 de agosto. Semanal. Durou um ano mais ou menos.

1878 — *Gazeta de Sorocaba* — 1º número a 10 de fevereiro. Parece que na mesma tipografia do anterior. Direção do aventureiro português Gaspar da Silva, que conseguiu a saída de Mailasky de Sorocaba. Foi processado, mudou-se para a cidade de Franca, depois para o Rio de Janeiro, donde polemizou com Camilo, enriqueceu no Encilhamento e obteve do seu Govêrno (dando esmolos) o título de Visconde de São Boaventura. Morreu em Portugal.

1880 — *Diário de Sorocaba*, sucessor do *Ipanema*, mesma redação de Manuel Januário, republicano, durou até 1890, quando o seu redator foi nomeado coletor estadual. Êste homem bom tinha 110 assinantes a princípio. Dividia os 75 mil réis mensais entre êle e dois irmãos tipógrafos, e por isso parou uns meses. Então os sorocabanos se encheram de brios e lhe deram mais 200 assinaturas.

Maneco Januário, filho de mestre Jacinto e dona Maria das Dores Pinto, era auto-didata, redigia corretamente, tinha bom senso. Por haver crescido aqui nos bons tempos, as suas notícias são sinceras, algo ingênuas, com pormenores ricos para a história social que um dia deve ser feita.

1882 — *O Trabalho*, de J. de Castro de Vasconcelos, 1º número a 1º de janeiro. Durou poucos meses.

1887 — *A Tribuna*, 1º número a 2 de outubro, logo acabou. Não vimos nenhum número.

*

A iluminação até 1846 consistia em luminárias e fogueiras pelas noites festivas. Arte e coragem precisavam os armadores para erguer as cordas com luminárias nas cimalthas da matriz, um numa ponta, outro na outra, sem derrubar o azeite. No comêço daquele ano inaugurou-se a iluminação de azeite de peixe, nome popular da gordura de baleia, que ainda se caçava na Bahia. Vinha em lombo de burro desde Santos.

Eram uns dez lampeões, de postes baixos de madeira e longos braços recurvos de ferro, doados pela Câmara de São Paulo e, a seguir feitos aqui. Dom Pedro II estava para chegar, e o melhoramento apressou. Algumas hastes se fixavam diretamente na parede, por exemplo nas casas das Godois, largo Santa Cruz, das Melo, no largo do Rosário.

Em 1855 puzeram um nas cabeceiras da nova ponte. Em noites de luar e por falha no fornecimento ou transporte, não se acendiam.

Como eram fracos, para as festas ainda havia luminárias, como as que pôs na rua de São Bento em 1852 o médico argentino dr. Felix Ibarra, vindo por terra do Rio Grande com o padre Francisco Gonçalves Pacheco. Exilado por Rosas, celebrou-lhe a derrota.

Em 1863 apareceram os lampeões de querozene que duraram com muita irregularidade até 1901, sendo diretamente substituídos pela eletricidade, e não pelo gaz encanado ou pelo acetilênio, como, respectivamente, em Campinas e Itapetininga.

Noites de luar eram gozadas sem modificação artificial. O acendedor ia de lampeão em lampeão, com a escadinha. Apagavam-se por si pelas dez horas com a extinção do pequeno depósito, mas às 9 horas já havia tocado o sino de recolhida, que em 1887 passou da Cadeia para uma janela da torre da matriz.

Em 1879 havia grandes festas na substituição do querozene por nafta, petróleo superior, que dava luz mais clara e era usado nos suburbios de Rio de Janeiro. Naquele pôrto descarregavam os barris de navios americanos, algo como petroleiros, e também em Santos. Em Sorocaba construíram um depósito à rua Padre Luís, abaixo do mercado, com grande mêdo da vizinhança. Havia mais de 100 lampeões desde 1863, inclusive além-ponte, na atual rua Ruy Barbosa.

O sininho de recolhida cessou sòmente depois de 1900. Coincidia com a saída à rua da Patrulha da Polícia. Fechavam armazens,

lojas, tavernas e botequins. Era o tempo daqueles belos lampeões belgas nas lojas, botequins e confeitarias, pois já havia algumas, desde cerca de 1870.

*

Com a Sorocabana inaugurou-se a era da construção em alvenaria em Sorocaba, em ponto grande. Já havia pedreiros, não só para calçadas e muros de pedra, mas também para o acabamento dos arcos de janelas e portadas, fogões, e principalmente ladrilhos geralmente sextavados, como o da sacristia de Santo Antônio. Havia olarias de telhas e de tijolos; parecem amassados a mão e com caquinhos de telhas queimadas.

Casas pequenas de morada para pobres, se não eram de taipa socada, eram de pau a pique, servindo de arame, o cipó. De pau a pique as divisões internas das casas de taipa, muitas vezes.

O português Cantarinho começou a estação em 1872, bonita construção de sobrado.

Adolfo Lippel construiu a casa da rua da Ponte (15 de novembro), principiada por Joaquim Ferreira Barbosa em taipa, e terminada em 1884 quando o dr. Pereira da Rocha comprou o terreno e as bases do edifício e o terminou em alvenaria.

*

O curioso Francisco de Paula Oliveira e Abreu fez uma planta para o mercado em 1881. O pedreiro que executou essa ou outra planta até 1884 chamava-se Antônio Tomaz de Souza. O prédio particular de sobrado, de Eduardo Antero da Cunha, em estilo de chalé, à rua Penha (depois foi um pastifício) é dessa época. Em 1881 se construiu o prédio da fábrica de tecidos Fonseca, sem revestimento.

Manuel Lopes de Oliveira tinha loja no largo do Rosário e uma chácara principiando da rua Ruy Barbosa e limitada mais ou menos, pela rua atual Nogueira Padilha até meia légua com o capitão Chico seu sogro, e pela rua Assis Machado e vila Barcelona atual, com o seu cunhado capitão Francisco de Assis Machado, e pela atual rua Newtom Prado, com Francisco de Paula Oliveira e Abreu. Era a Chácara Amarela. O jornal paulistano *Ipiranga* de agosto de 1852, documenta perfeitamente a chegada das máquinas e teares mecânicos, os primeiros da Província. O jornal local *O Americano*, mais tarde, e o ofício da Câmara ao Governo em 1856 confirmam completamente que Manuel Lopes fiou e teceu mecânicamente, o primeiro da Província, embora os cinco teares tivessem parado logo por ignorância ou boicote dos operários escravos. O locomóvel foi

aproveitado para o benefício também na era do algodão herbáceo. Os teares continuavam, mas rendia mais exportar o algodão.

Francisco de Paula e Oliveira e Abreu, desde 1848 plantou amoreiras e trouxe o bicho da sêda de São Paulo, e, como era muito curioso, construiu por si os aparelhos manuais de fiação, como consta do precioso livro que êle mesmo compôs e do relatório do presidente Nabuco. Pela tradição consta que chegou a tecer uma echarpe. Há pouco foi derrubada sua casa de taipa, já vendida em 1865. O porão alto era para a criação do bicho. Uma vizinha lembrava-se dos restos das amoreiras. Outros nos contaram que em sua loja da rua Brigadeiro Tobias esquina das Flôres, êle que era muito ativo (depois de fechar também a tipografia cobria botões com linha e talvez a sêda de seus sonhos, e levou a alcunha de Chico Botão.

Era irmão do cônego José Norberto cuja *Arte poética* imprimiu pessoal e fraternalmente, e primo de Abreu Medeiros.

*

Antônio Rogick nasceu em Budapest em 1821. Embarcou para o Brasil em Hamburgo no navio à vela "Josefina". Chegou a Sorocaba para exercer o ofício de chapeleiro, já casado, em 7 de junho de 1844. (*Livro de Estrangeiros*, da Prefeitura).

Os cronistas tem dado o ano de 1852 para o início da sua Fábrica de Chapéus, mas é engano. Vimos no cartório Pedro Coelho (e publicamos no *Estado*) a escritura de sociedade que êle fez com Razzl, a qual data de 1848.

José Rogick era seu sobrinho.

Segundo um ancião muito digno, a primeira fábrica era na esquina da rua da Margem (Leopoldo Machado) com a "15 de Novembro", à esquerda de quem sobe.

Em seus apontamentos dona Ana Nayá refere que aí talvez depois da mudança da fábrica, se reuniam os alemães para tomar a cerveja e comer os seus presuntos, dando à trela, matando saudades, abancando-se a uma mesa comprida.

Rogick e Razzl atraíram a Sorocaba muitos chapeleiros alemães.

Segundo escreve Antônio Francisco Gaspar (*Sorocaba de Outrora*) o Simão Razzl teria iniciado a fábrica mesmo em 1841, mas o honesto e incansável pesquisador baseou-se numa informação oral de 1950, num informante que não viu a coisa e podia ter-se enganado, uma vez que esta data era fornecida de memória. O informante disse-lhe que Pedro José Senger e João Knippel eram oficiais dessa fábrica. Ora, Eduardo Senger guardava a alavanca que quebrou a homoplata (trabalhando de pedreiro na ponte) a seu avô Senger, e

João Knippel era padeiro. Enfim, mesmo que houvessem exercido temporariamente o ofício de chapeleiro, a data de 1848 é documento escrito e a de 1841, oral. O leitor escolherá. O fato é que Senger e Knippel chegaram a Sorocaba pouco depois de 1828, constando nas listas da 1a. imigração alemã oficial (colônia de Santo Amaro).

A fábrica Rogick foi adquirida pelo médico inglês João Henrique Adams, genro do Barão de Mogí-Mirim, já na casa velha do pai de Tobias. Em 1883 êle aumentou as máquinas e diminuiu o número de operários escravos, que libertou por completo em 1887.

Em 1870 Teodoro Kaysel fundou outra fábrica de chapéus em frente à sua da rua da Ponte com os fundos para a atual rua Leite Penteadado (hoje, prédio José Miguel).

Em 1886 Antônio Razzl, filho de Wenceslau, inaugurou sua loja de chapéus numa casa cuja bandeira de ferro tinha as letras F.A.M., à rua das Flôres, esquina da rua dr. Braguinha. O rico Assis Machado, falecido havia pouco, aí fizera belas festas, foi depois a Padaria Alemã e, hoje, arranha-céu.

Uma das primeiras fábricas de cervejas foi a de Augusto Boemer antes de 1880.

A de Faust e Schming em 1884 já existia na atual São Paulo Elétric. Faziam-se licores. A água era bombeada de um poço. Havia jogo de bolas de pau, mesinhas para o chope em canecas. Boa cerveja. Mas é preciso lembrar que os cervejeiros do tempo o eram quase como os padeiros, fornecendo à freguezia local e as povoações próximas.

Boemer fabricava cerveja em 1880 a 600 réis a garrafa.

Nos engenhos fabricavam aguardente Fernando Martins França (Cuguaçús), Antônio Madureira e Souza (Itapeva), Antônio Aires de Almeida e José Cozzetti.

*

Em 1881 Manuel José da Fonseca, proprietário da loja do Sol, então na rua da Penha, quase em frente à atual travessa Mailasky, principiou a construção e montagem da fábrica de fiação e tecelagem Nossa Senhora da Ponte. A madeira veio do Itapeva. As máquinas, da Inglaterra. O locomóvel era de 300 cavalos. O técnico ou mestre foi Alexandre Marcchisio, inglês de Malta, que veio junto com as máquinas e depois ajudou a fundar a fábrica Santa Maria. O alemão João Siegles, artesão mecânico, passou a trabalhar na fábrica, aprendendo os segredos dos novos maquinismos. No começo de 1882 já Fonseca vendia novelos de fio às redeiras.

O algodão vinha do município e de Campo Largo, algum de fora. Cerca de 300 operários. Exportou tecido chamado algodãozinho e riscado às casas revendedoras do país.

Na Exposição Provincial de 1885 Sorocaba alcançou pelo trigo do campo do Tinga, medalha de cobre (!). Pelos tecidos de Manuel José da Fonseca, prêmio de animação. Idem pela cerveja de Schming, vinho de José Cardoso da Costa, cuja Quinta da Alegria era ali no antigo Curral do Conselho, e fotografias de Júlio Durski.

Manuel Lopes de Oliveira Sobrinho, então comerciante na Côrte, depois em São Paulo, na rua Direita, onde construiu o sobrado mais alto da época, veio à sua terra em 1883, estudando as possibilidades de uma tecelagem aproveitando o salto de Votantim, cuja fôrça acabava de ser medida pelo engenheiro Eusébio Strevaux, de São Roque. Este publicou então um folheto, preconizando até mesmo a construção da vila operária. O fazendeiro Porfírio da Lima, que financiou os estudos, residia onde é hoje o hospital do distrito, onde, com uma água tirada do salto, movia pequeno beneficiamento do algodão. O sonhador da indústria do Votantim, desde a construção da Sorocabana, fôra Francisco de Assis Machado, cunhado e vizinho do Manuel Lopes de Oliveira ((o tio) da Chácara Amarela.

O artesanato de objetos de couro e metal (não mais prata) para a feira de certo modo aumentou, pouco antes do fim do Império, porque os produtos eram exportados o ano inteiro. O que acabou foi a feira para eles.

Os alemães e seus filhos especializavam-se em marcenaria, ferraria e serralheria. Pedro Batista Der fazia camas, marquesões, cadeiras. Petzoldi anunciava os seus móveis. Vimos (e temos um) de madeira hoje não usadas, por exemplo cabreuva. Ainda não havia tampos de mármore. Os guarda-roupas eram enormes.

Continuavam os sorocabanos a enviar as escravas ou iam buscar água, para beber no Supiriri (muito impura), bica de São Bento e outros córregos e para usos domesticos em geral compravam latas dos pipeiros (carroça e pipa). Eram italianos e em 1885 fizeram a primeira greve da nossa História, porque a Câmara exigiu subissem mais rio Sorocaba acima. No fim houve acôrdo: 14 de fevereiro.

Em 1886, inaugurou-se o primeiro encanamento de água, com três chafarizes: praças da Matriz, do Rosário e Santo Antônio, com a água bombeada (bomba hidráulica) do córrego da atual Vila Carvalho e caixa de água com filtro atrás da Matriz. Louvores mereceu o vereador cel. Manuel Nogueira Padilha e os industriais da Sorocabana Speers e Oetterer.

Em 1881 havia três sociedades carnavalescas. A música da moda era a do Vintém, alusão aos motins de Ano Bom no Rio de Janeiro com reviramento de bondes, pelo aumento ou impôsto do vintém. Vendiam-se formas de ferro para fazer laranjinhas de cera, que eram cheias de água para o entrudo, usando-se para isso seringas de lata compradas nas lojas e qualquer vasilha mesmo. Os bailes de máscaras eram no Teatro São Rafael.

Nesse ano havia a sociedade dramática São Pedro.

Extinta a Filarmônica, em 1883 o padre Lessa tentou ressuscitá-la. Músicos: Pedro Rodrigues de Melo, Pedro Batista Der, Maurício Garcia, Alfredo de Mascarenhas, etc. Formavam também orquestras.

A *Lyra Artística* já existia em 1884. Fernando Luís Grohman foi seu mestre até sua extinção em 1923.

José Ribeiro de Alencastro, sorocabano, compunha músicas sacras. Era professor de música.

João Gomes de Almeida, clarinetista exímio, fundou a *Orfelina* em cêrca de 1880 com Bonifácio Antônio Cosat. Era sul-mineiro.

Pedro Francisco da Silva, professor de música no Ipanema e em Sorocaba.

A sociedade sorocabana modificava-se. As classes populares eram numerosas, mas por meio delas a gente subia às outras, como sempre pela mola universal do dinheiro e do trabalho. As senhoras usavam chapéus na igreja e nas reuniões sociais. Iam de carro aos bailes e ao teatro. Graças a dona Ana Naya Fleury, publicamos uma lista de grandes bailes em que tomou parte ou organizou o cel. Antônio G. S. de Sá Fleury.

A democracia era real. Nas últimas Câmaras do Império a metade se compunha de pequenos comerciantes, professôres primários, gente que não comprava votos. Havia cosmopolitismos horizontais.

*

A abolição em Sorocaba foi festejada na noite de 13 de maio, mas na realidade a redenção dos cativos locais, os últimos, efetuara-se a 25 de dezembro de 1887 e a 6 de janeiro seguinte, em duas famosas reuniões na Câmara Municipal. Os últimos senhores deram a liberdade aos seus escravos. E' verdade que muitos, sob a condição de os redimidos ficarem na casa dêles por um ano (e não foram 5 meses!).

Em 1887 Sorocaba havia tomado parte no movimento de Antônio Bento, protegendo escravos fugidos, devendo salientar-se Jorge Oetterer que dava passagens aos miseráveis, telegrafando aos caifases que os esperassem na estação em São Paulo.

Algumas vezes o elemento popular, inclusive italianos, fazia um grande barulho na estação e não deixava seguirem escravos presos.

Os industriais nunca empregaram braço escravo. Manuel José da Fonseca foi abolicionista. O dr. Adams libertou muito antes os operários da Fábrica de Chapéus.

As festas começaram à noite de 10 de maio com a notícia do projeto, culminando na noite de 13.

*

Um amigo nosso informa que pessoa importante desta cidade recebeu o seguinte telegrama:

“Governo deposto pelo militarismo. Está nomeado um Governo provisório”.

Mais tarde contou-nos que havia outro telegrama, que dava o governo provisório composto pelo general Deodoro, Silva Jardim e Lopes Trovão.

“Domingo, 17. Em letras garrafais, na metade superior da 1a. página:

15 de novembro de 1889

Viva a

República!

Na metade inferior, em duas colunas:

Salve, oitenta e nove!

A Pátria livre!

Acaba de se realizar a reforma a mais grandiosa e por consequência a mais intimamente reclamada pela alma nacional, para dar vida a esse corpo inerte, movido apenas pelo impulso de uma velha máquina, já gasta, a Monarquia! Somos livres, não cessamos de expansivamente repetir: Quebraram-se os ferros que nos agulhoavam, e o povo convulsionado pelo entusiasmo de momento corre às praças públicas, festejando o faustoso acontecimento e dando mostras de que o Brasil, vítima até agora de certos preconceitos, embaído pela sua educação política, hoje se ergue desiludido, abrindo para seus filhos uma nova era de felicidade e recompensas.

Pátria, se és livre, debes ser grande também pela força da vontade: rasguem-se os títulos de nobreza comprada, “etc.,” e venham os do trabalho. “Façamos do trabalho um degrau da escada social”. Viva o Brasil!”

Na segunda página o jornalista conta que não repete as notícias do faustoso acontecimento, porque era tal a ansiedade ao chegar o Correio, que todos já sabiam. Governo de São Paulo: Campos Sales, Rangel Pestana e Mursa.

Houve uma reunião do Partido Republicano às 11 horas, rua das Flôres 19. E' que a 16, sábado, a Comissão Diretora do Partido re-

cebera ordem do Govêrno de São Paulo para proclamar a República, tendo-se reunido às 6 horas da tarde daquele dia e avisando ao Presidente da Câmara, combinando o ato para 17, ao meio-dia. Martins França passou a presidência a José Padilha de Camargo.

Comissão, republicanos e povo reuniram-se na estação à hora do trem, com a “Lira Sorocabana”. Vivas, foguetes, música, desce do trem Olivério Pilar com a nova bandeira que dona Umbélia Lobo segura, e organiza-se a passeata. Frente à casa de Olivério falam êle e Júlio Ribeiro.

Ao meio-dia, parte do povo na Câmara, parte na casa do dr. Olivério para o acompanhar. Receberam-nos o vice-presidente José Padilha de Camargo e os vereadores Francisco Peixoto Castanho e Olímpio Loureiro de Almeida, secretário Fleuri. Olivério falou. Padilha disse poucas palavras aceitando a República. Vivas. Olivério, de nôvo. Lavrada a ata, todos assinaram. O povo acompanhou às suas casas Padilha (por êle agradeceu Artur Gomes) Olivério e Benedito Pires.

A pedido, Isidoro de Castro reabriu as malas feitas e deu o espetáculo de gala da República, com o “Beijo de Judas” de nôvo. Falou Vicente Eufrásio da Costa Abreu.

Últimos dias de novembro. Foi para Botucatu a Companhia.

A 18, Ferreira Braga faz uma publicação, aconselhando aos amigos a aderir à República. “Fato Consumado”, e aos Govêrnos do Rio de Janeiro e São Paulo.

“Nesta cidade onde resido, os antigos partidos ligados à monarquia dissolveram-se, por prestar adesão à República Federal”.

Olivério Pilar foi nomeado delegado de polícia.

A 23 de novembro, reunião republicana em casa de Benedito Pires. Foi presidida por Moreira da Silva, secretariada por João Lúcio e Manuel Januário. Recomposição do Diretório: Benedito Antônio Pires, Jerônimo Antônio Gonçalves, José Antônio Cardoso, Olivério Pilar, J. Zacarias Miranda e Dr. Manuel Lopes Monteiro Oliveira. Incumbiu-se o Diretório da Organização de uma Guarda Cívica. Ao terminar, manifestação com música a Moreira da Silva.

A 24 falece Antônio Pires de Almeida.

Chácara à venda no Vossoroca, uva americana e nacional.

Dezembro: Maneco Januário foi nomeado coletor substituto do Estado. A 29 de novembro, Júlio Ribeiro havia tomado posse do cargo de professor de retórica e poética do Instituto Central (Colégio Pedro II).

Ubaldino do Amaral, inspetor da Alfândega no Rio.

Além da grande naturalização.

O coronel Mursa reassumiu a direção da fábrica de ferro.

A 31 de dezembro, baile oferecido ao Olivério Pilar pelos novos brasileiros.

Comissão: Fonseca, Souza Pereira, Marcchísio e João Cozzetti.

(Continua).